

Psicanálise, Ciência e Religião

Práxis Lacaniana/Formação em Escola

Podemos dizer, desde já, que a Psicanálise não se inscreve no mesmo registro que a Ciência e a Religião. Entretanto, o que faz com que seja necessário que ainda hoje retornemos às questões pelas quais Freud passou para descobrir a Psicanálise?

Que Freud tenha passado e nos tenha deixado seu legado não nos libera de que cada qual, em seu próprio percurso em relação ao trabalho do inconsciente, passe por certas questões onde vamos encontrando os fundamentos do que chamamos Psicanálise. Que Freud, conforme segue em seu percurso de trabalho, vá encontrando as bases do campo psicanalítico não livra cada um de atualizar, na transferência, essas questões. O fato de que seja assim, de que Freud tenha precisado ir trabalhando, no tempo, em relação a algo que retorna, já diz que não se trata do mesmo que no discurso da Ciência e da Religião. É assim porque a lógica temporal do inconsciente exige.

Há pontos de impasse entre esses distintos campos discursivos, onde é preciso fazer algumas articulações, pois é só no e pelo prosseguimento de Freud, pelas conseqüências de ter seguido em suas bases de trabalho, que as distinções entre esses diversos campos de prática se apresentam. É a partir de então que a Psicanálise nos pode permitir certos esclarecimentos sobre o que entender por uma Ciência e mesmo por uma Religião.

A entrada da Ciência Moderna com o *cogito* cartesiano, no século XVII, introduz uma mutação decisiva na fronteira sensível entre verdade e saber. Algo se transforma nessa fronteira, fazendo emergir questões que respondem a outro campo, a outro intervalo, que não o da História: trata-se de que a Ciência Moderna inaugura o sujeito fendido, dividido. Dessa maneira, o que se verifica é que não há o homem da ciência, há, sim, o sujeito da ciência, que, por ser dividido, faz com que qualquer restauração da fenda seja supérflua e fraudulenta. Isso ocorre porque qualquer restauração nessa fenda anula o momento do qual a constituição do objeto de uma ciência, enquanto ciência, necessita. Tal anulação deixa o sujeito numa certa amarração no ser, no sentido da consciência de si.

Como dissemos, o *cogito* cartesiano não funda a consciência, inaugura a fenda. É justamente por isso que o sujeito da psicanálise é o sujeito da ciência. Descartes, apesar de inaugurar o sujeito fendido, sutura, restaura a fenda com o que chamou de extensão. A extensão cartesiana faz redução do corpo ao que somos, o que é da ordem de uma esfera sem limites, por situar a idéia do espaço métrico de três dimensões homogêneas. É ao redor dessa apreensão da extensão que o pensamento da realidade se organizou e onde estamos amarrados, presos, fazendo sutura, que resiste fortemente à posição freudiana. Ficamos presos porque, sem dúvida, há, aí, algo muito redutor - a estrutura do espaço esférico - que está posta no princípio da relação do conhecimento, que é o microcosmo, respondendo ao macrocosmo.

Que o sujeito está fendido foi o que Freud repetiu sob todas as maneiras, depois de haver descoberto que o inconsciente só se apresenta em nós de linguagem, nós de gozo, e que há aí algo que quer retornar.

Quanto ao que retorna, Freud nos demonstra que qualquer patologia está organizada pela linguagem. Aquilo que retorna e é para ser escutado e lido à letra, não é senão os fetiches, as fobias, as aberrações, os caprichos, etc., que a neurose traz como paliativo para o fato de que há uma fenda.

Este é o ponto analítico onde há algo de fundador para o sujeito, que é diferente da posição da Ciência, da Religião e da Filosofia.

A posição da psicanálise, posição freudiana, é a de, sob o nome de inconsciente, deixar a verdade falar, no sentido de que é a linguagem que determina o inconsciente no ser falante,

para além da condição animal de vivente. Quanto mais se prossegue no trabalho de falar em transferência a um analista, na experiência da divisão do sujeito, mais se engendra a hiância de um desejo confrontado com um gozo impossível.

No ponto de retorno, a restauração da fenda, que tanto a Ciência (mesmo a tendo inaugurado) como a Religião e também a Filosofia fazem, ressitua estes campos por uma amarração do sujeito à consciência de si, ou seja, enterra o novo que há no legado de Freud, pois, diferentemente do que ele propõe, isto faz retorno ao poder todo do qual a História nos mostra o domínio, em termos do império totalizante ao que sempre se tem voltado. Nesse retorno, Freud coloca a necessidade lógica (lógica porque não é necessidade animal do vivente, é necessidade construída no trabalho analítico) da emergência do inconsciente, introduzindo com isto um pouco de ar nesse lugar do império totalizante, deixando-nos, assim, a chance de encontrarmos certas condições, uma vez que nos coube viver nesta época do casamento da Ciência com o capitalismo e com a Religião, no que diz respeito à dimensão da verdade.

No entrecruzamento da Psicanálise com a Religião está a questão do Pai, situada em toda sua potência, pelo neurótico, na clínica psicanalítica. Nesse lugar, da questão do Pai, que é estrutural para a constituição do sujeito, há, em um outro nível, uma forte resistência a prosseguir o trabalho analítico. Situa-se aí uma ignorância da necessidade lógica que é, das paixões do ser, a maior. Essa ignorância da necessidade de falar vai no sentido de que é Deus o que fala. O Deus da palavra ordena gozar – o imperativo superegóico, ordenado pela intrusão da voz que, neste nível, é da ordem de uma ferocidade passional. A paixão de Deus, assim situada, diz respeito à instauração do monoteísmo em sua correlação com a estúpida potência da palavra no discurso religioso. A Psicanálise se diferencia disto por não ir na direção do culto ao Pai como, no caso, a Religião vai. Neste ponto, o discurso analítico vai na direção da relação do Pai com o real como impossível, justamente para reduzir a potência feroz do significante enquanto devoção ao Pai.

Nos entrecruzamentos do campo da Psicanálise com os campos da Ciência e da Religião há, portanto, impasses importantes de serem anotados, tanto no que têm em comum como no que se diferenciam, pois fazem resistência ao prosseguimento do trabalho analítico naquilo que diz respeito ao novo que Freud descobre. Quanto a isso, faz-se necessária a aquisição de certas operações no trabalho analítico para que haja condição de passagem.

A psicanálise, que tem sua dependência no aparecimento da Ciência Moderna e no de suas conseqüências, extrai seu fio do fato de que a Ciência dá à consciência comum a aparência de um saber que recusa depender da fala e que não se assombra com o fato de que, com sua recusa, exclui o sujeito. Não podemos esquecer que é da sua interdição sobre o sujeito, enquanto efeito da linguagem, que a Ciência parte como discurso.

Para Freud essa interdição não é qualquer e não lhe passa despercebida: o inconsciente é um momento em que a fala, no lugar do sujeito da pura linguagem, é uma frase. Por isso, o estatuto do inconsciente freudiano é científico, posto que se origina do sujeito excluído da Ciência no que, por ser rechaçado no simbólico, reaparece no real.

Uma outra maneira de distinguir os campos da Ciência, da Religião e da Psicanálise, pode-se ler nas quatro causas definidas por Aristóteles. É importante retomá-las, pois nos orientam na distinção do funcionamento dessas diferentes práticas, por estabelecer, com relação à verdade, o modo como cada uma delas, em seu funcionamento, se relaciona com a verdade como causa, por abrirem para a questão da diferença a respeito da maneira como o significante está relacionado com cada uma dessas causas. Isso permite situar o que consiste como corpo, ou seja, matéria, sujeito, de uma maneira diferente do corpo enquanto cartesiano, que é o da extensão. Permite situar o sujeito por um efeito da fala, o que é radicalmente diferente de afirmar sua existência no pensar, por tratar-se de um corpo corporificado pelo significante, na

medida em que faz entrar a falta a ser do sujeito e a perda do objeto como correlativos da verdade como causa.

É justo, na divisão do sujeito, na disjunção entre saber e verdade, que Freud nos convida a estreitar o ser do sujeito na palavra, numa operação que toca a essência da linguagem, porque aí nada se fala senão apoiando-se na causa. Dizer que o sujeito com que operamos em análise só pode ser o sujeito da ciência talvez passe por um paradoxo. O pensamento só funda o ser ao se vincular à fala, onde toda operação toca na essência da linguagem. Nenhuma linguagem pode dizer o verdadeiro sobre o verdadeiro, uma vez que a verdade se funda pelo fato de que fala, e não dispõe de outro meio para fazê-lo.

No que diz respeito à Religião, por tratar-se de uma instituição de uma hierarquia social, onde se conserva a tradição de certa relação da verdade com a causa, ela não nos serve como exemplo a seguir. A psicanálise distingue-se radicalmente do discurso religioso, pois, neste, por estar a incumbência da causa entregue a Deus, o sujeito fica na situação de não poder ter nenhum acesso à verdade.

Na Ciência, o saber se comunica, mas a forma dada a esse saber inclui uma maneira de comunicá-lo que, como dissemos, sutura o próprio sujeito que implica. A prodigiosa fecundidade de nossa ciência está suportada por não querer saber de nada daquilo que da verdade é causa.

Na relação da Psicanálise com a verdade como causa, em seus aspectos materiais, a única maneira de desatar o ponto de nó, que é a divisão do sujeito, é como Freud o desata, ou seja, desata-o pela operação da falta de pênis da mãe, ponto da divisão do sujeito, que situa a posição deste frente ao falo, enquanto o falo é significante dessa falta na mãe. Esta operação é o que dá condições de, no trabalho analítico, situar a posição do sujeito frente ao complexo de castração em sua articulação com o complexo de Édipo.

Essas vias de argumentação situam que qualquer proposta de regulamentação da Psicanálise nos remete a uma incoerência absurda, que vai em direção contrária à descoberta freudiana, enterra o novo de Freud, ao manter o modo de funcionamento hierárquico do Estado, do Exército e da Igreja.

Em conseqüência dessas mesmas argumentações, a formação do analista está inserida por Freud como elemento da própria práxis analítica. Trata-se de um critério de rigor ético que fundamenta o campo dessa prática, que é distinta, e que, no entanto, pode ficar proscrito enquanto elemento mesmo dessa práxis, ou seja, no modo que lhe é próprio de abordar o real pelo simbólico, isto é, podem-se proscriver a base e os próprios fundamentos conceituais da Psicanálise, dependendo do lugar desde onde são abordadas suas questões cruciais.

Bibliografia:

Freud: Moisés e o Monoteísmo

Esboço de psicanálise

A Interpretação do Sonhos

A divisão do ego no processo de defesa

O fetichismo

Psicologia das massas e a análise do eu

Lacan: Seminário 13. O objeto da psicanálise

Seminário 14. A lógica do fantasma

A Ciência e a Verdade

Posição do Inconsciente

A instância da letra no inconsciente ou razão desde Freud